

Robert Wilson
∞
PENA CAPITAL

Romance

Tradução de
Isabel Veríssimo





Capítulo 1

23h15, sexta-feira, 9 de março de 2012, Covent Garden, Londres

O último esforço de equipa do grupo da festa de despedida: sair da cave do bar de tapas pelo espaço estreito da escada de caracol, todos a cair de bêbedos. Alyshia, a gestora de vinte e cinco anos, prendeu o salto na grelha de um dos degraus de ferro fundido. Ao pressentir um bloqueio, o grupo que vinha atrás empurrou para forçar a saída. A borracha do dispendioso salto de Alyshia foi arrancada quando ela foi cuspidada da escada, e a sala de cima andou à roda quando o bando desalinhado cambaleou vindo das entranhas do edifício. Bancos altos abanaram quando eles ricochetearam no meio da multidão selvagem de bêbedos ruidosos, vozes mais esganiçadas que as de peixeiras na lota.

Saíram para a rua, Alyshia a caminhar por Maiden Lane sem um salto, como um pónei coxo. O gelado ar noturno congelou a película de transpiração no seu rosto. Estaria o oxigénio extra a duplicar o efeito da sua ingestão de álcool? Distinto, indistinto, enquanto rostos de uma fealdade atroz apareciam e desapareciam com uma forma vaga no campo repugnantemente flexível da sua visão.

– Estás bem, Ali? – perguntou Jim.

– Perdi um salto – disse ela, com os joelhos a ceder. Pendurou-se nele.

– Ela está podre de *bêbeda* – exclamou Doggy, sempre pronto para dizer o óbvio. Jim afastou-o.

– Estamos *todos* perdidos de bêbedos – declarou Toola triunfalmente, antes de cair de rabo no chão com as pernas torcidas num ângulo estranho, como se tivessem sido cortadas.

– Eu avisei-te – disse Jim ao ouvido de Alyshia – que se saíesses com este bando ias acabar nas urgências do hospital. A última bebedeira antes do subsídio de desemprego.

Era a única coisa decente a fazer, pensou ela, quando a rua se inclinou para cima e a sua cabeça pareceu tão grande e apertada como um balão de observação.

– Estás bem, Ali? – perguntou Jim, segurando-a pelos ombros, e o rosto franzido do colega refletiu-se nos seus olhos pulsantes.

– Tira-me daqui – pediu ela.

– Onde está o Doggy? – perguntou Toola.

Doggy foi atirado para ela.

– Dá-nos aqui uma mão, amigo – disse ela, a tentar levantar-se.

– Dá-nos um beijo – replicou Doggy, puxando-a para cima, com a língua de fora.

Um grito de nojo e o grupo cambaleou pela rua a berrar como miúdos de escola.

Alyshia agarrou-se ao braço de Jim, pois agora a rua parecia um convés agitado.

– Arranja-me um táxi – pediu ela, néon a brilhar e a turvar-se nos seus olhos lacrimosos.

Balbúrdia na Strand. Barulho em Charing Cross.

– É a debandada! – gritou uma voz ao longe.

Miúdos adolescentes corriam de modo descontrolado e veloz pela rua, a partir montras de lojas, a derrubar transeuntes. Garotos encapuzados distribuía pontapés. Duas miúdas cambalearam na sarjeta com sapatos de salto alto, os punhos nos cabelos uma da outra. Ouviu-se um grito e a multidão dividiu-se, sombras em todas as direções. Do outro lado da Strand, encostado ao suporte de um andaime, um miúdo negro sentado com as pernas estendidas, a cabeça inclinada, mãos no estômago, a segurar o interior.

– Aquele miúdo foi esfaqueado – exclamou Alyshia.

- Vamos – disse Jim. – Não vais conseguir arranjar um táxi aqui.
- Tenho de telefonar para a polícia.

Procurou o telemóvel na carteira, chamou a polícia, uma ambulância, e tudo o mais, com lábios que tinham ficado grossos e pareciam de borracha, recusando-se a formar as palavras.

Sirenes soaram na noite. Jim tirou-lhe o telemóvel, fechou-o e atirou-o para dentro da carteira.

- Vamos – disse. – Eles tratam do assunto.
- Nós *devíamos* fazer alguma coisa.
- Nós estamos demasiado *bêbedos* – replicou Jim, furioso.

Pegou no braço de Alyshia. Não se avistava um único táxi em Wellington Street. Ele levou-a em direção à Royal Opera House.

Ainda bem que estás aqui, Jim, pensou ela. Mais velho que os outros. Eu bebi assim tanto? Um gim-tónico antes. Vinho com a *paella*. O Doggy bebeu uma Sambuca flamejante. Só podia. Que é que se passa com este passeio? Tem uma saliência acentuada no meio. Será que vou vomitar mesmo à frente do templo da ópera? Seria um sacrilégio. A minha cabeça está a soltar-se dos ombros. Respira fundo.

Pelo canto do olho, uma luz laranja flutuou no torpor da embriaguez.

- Táxi! – gritou ela, esticando um braço. O táxi parou junto ao passeio.

Ela limpou as faces. Inspirou com força. Pendurou-se no rebordo da janela. Tentou parecer uma pessoa que não vomitaria. Deu a sua morada ao taxista:

- Lavender Grove. Perto de London Fields.

A iluminação da rua fez com que o taxista parecesse sofrer de itericia.

- Tudo bem, amor – disse ele, com a língua a tremer entre lábios cinzentos –, pode entrar. Aquilo ali atrás parece um manicómio, não parece? Você também vem?

Jim abanou a cabeça, fechou a porta e disse-lhe adeus.

O taxista olhou para o espelho, arrancou e fez inversão de marcha num espaço apertado.

Os fechos das portas foram trancados e ela assustou-se. As luzes diminuíram, apagaram-se. Ela afundou-se na escuridão do táxi e tentou fazer com que a cabeça deixasse de tombar.

Não te vás abaixo. Diz-lhe o caminho e ele vai perceber que está tudo bem.

– Aqui à esquerda para Tavistock Street, à esquerda de novo para Drury Lane. Em frente... sim, continue em frente...

– Está tudo bem, amor, nós sabemos para onde vamos.

Não conseguiu humedecer os lábios. Piscou os olhos devido ao brilho das luzes da rua. O coração estava a bater na cabeça. Sentiu a respiração nos ouvidos. Nunca tinha estado tão bêbeda em toda a sua vida. A garganta apertou-se. Cão a abanar a cabeça na prateleira atrás dos bancos. Vá lá, pisca os olhos, inspira fundo. Inclinou-se para o lado, premiu o botão do intercomunicador e pensou ter dito: «A minha bebida foi drogada», mas as palavras, informes, caíram aos seus pés.

– Não se preocupe, amor – disse o taxista. – Você está bem.

Eu estou bem?, pensou ela, com o rosto esmagado no banco, a olhar para o tapete com a boca aberta. Se eu estou bem, como é que se sentem as pessoas que estão doentes? Pai? Que é isso, pai?

«Em Londres, apanha sempre um táxi depois das onze da noite, um táxi preto, não te esqueças, não um daqueles minitáxis com o *tablier* forrado com pelo conduzidos por aqueles filhos da mãe do Bangladesh.»

Que é que *tu* sabes? Tu estás em Mumbai. Eu estou na cidade do fumo. Na escuridão...

Uma escuridão tão grande como se estivesse num caixão. A única luz era a da enxaqueca que lhe rasgava o crânio. Ela piscou duas vezes, confirmando a mobilidade das pálpebras e uma total ausência de iluminação. Passou as mãos pelo assento e verificou que era o mesmo assento estriado do táxi que tinha apanhado, mas o veículo não estava a mover-se. Não conseguiu ver os ponteiros do seu relógio Cartier. Não fazia ideia de quanto tempo tinha passado. Tateou

à procura da porta. A sua cabeça encheu-se de coisas. Estava fechada. Tateou em volta da janela à procura de aberturas. Ajoelhou-se no chão, espalmou as mãos na divisória de vidro do compartimento do condutor. Fechada. Não se mexeu. Sentiu o primeiro tremor de pânico por baixo da caixa torácica. A outra porta. Trancada. Janela fechada.

Escutou, com os olhos muito abertos, a tentar ouvir o mais leve som. Nada. Pôs a mão na boca, os dedos tremeram nos lábios e a respiração acelerou com a hiperventilação causada pela fobia. Uma torrente súbita de adrenalina no sistema aclarou a confusão da sua mente. Já não estava bêbeda. Estava de joelhos e as suas coxas tremeram. Tentou acalmar o que estava a crescer dentro de si, mas não conseguiu. Estava a multiplicar-se demasiado depressa, a tornar-se rapidamente incontrolável, a sair dos seus pulmões, a guinchar nos seus ouvidos, e com um breve clarão de luz que não iluminou nada ela atirou-se violentamente contra a janela, lançou-se para o outro lado, bateu com os pés e com os punhos e gritou tão alto que a sua laringe ficou arranhada.

Quatro fendas de luz apareceram do outro lado de uma porta ao lado do táxi. Devia ser uma garagem adjacente a uma casa. A porta abriu-se. O interior escuro foi inundado de luz e ela ficou paralisada. Esperou, petrificada. Duas silhuetas. Homens. Cabeças rapadas. Um deles passou para o outro lado do táxi. Ela inclinou-se para trás, sentou-se no banco, cerrou os punhos e preparou os saltos altos. Joelhos encostados ao peito. Cotovelos encostados às costas do assento. Lábios apertados sobre dentes muito brancos. Os rostos que flutuavam do lado de fora usavam máscaras sorridentes de plástico branco. Ela já as vira algures e aterrorizaram-na.

As portas foram destrancadas. Mãos entraram dos dois lados. Ela pontapeou com uma perna, depois com a outra. Ouviu um deles resmungar de dor. Aquele som motivou-a. Até sentir o pé na mão do outro homem, num aperto terrível que lhe torceu o tornozelo de tal maneira que ela teve de rodar com ele, caso contrário seria arrancado. Ele arrastou-a para si. A outra perna ficou presa por baixo do corpo. Ela caiu de cara para baixo no chão do táxi, com os dois tornozelos presos, os joelhos fletidos e os calcanhares apertados contra

as nádegas. Ele inclinou-se sobre ela e agarrou-a pelo cabelo, puxando-lhe a cabeça para trás até a garganta estar tão esticada que nem conseguia guinchar. Ela atacou violentamente com os punhos. Um foi apanhado, e em seguida o outro, e foram apertados atrás das costas. As virilhas de um homem estavam agora na sua cara. Ele prendeu-lhe os pulsos com uma mão, enfiou a outra num bolso, encostou-lhe o lenço da mão no nariz e na boca e o seu mundo ficou mais estreito e desmoronou-se.

Dois homens, ambos altos e bem constituídos, com uns trinta e tal anos, mal iluminados na cabina de uma carrinha comercial branca, percorriam lentamente as ruas da zona leste de Londres. O mais alto e mais magro, que dizia chamar-se Skin, tinha um rosto de bebé com olhos azuis e a cabeça rapada. Estava a ficar irritado e não parava de endireitar o boné branco com a Cruz de São Jorge dos dois lados e o emblema do West Ham United à frente. Olhava para o mapa no guia de ruas de A-Z, que ficava cor de laranja e preto quando passavam pelos candeeiros de rua. A aranha no meio da teia tatuada de um lado do pescoço e a subir pela face parecia estar a trepar para dentro do ouvido. Dan, o motorista, era de um tipo diferente, cabelo curto com risco ao lado, bastante bem-parecido e sem *piercings* nem tatuagens. Esta era apenas a segunda vez que trabalhavam juntos.

– Estamos atrasados – disse ele calmamente, a olhar para os nomes das ruas à esquerda e à direita.

– Eu sei que estamos atrasados, merda – disse Skin. – Onde é que estamos agora?

– Parece... New Barn Street.

– New Barn Street? – exclamou Skin, perplexo. – Onde raio é isso?

– Só te posso dizer o que está escrito na placa com o nome da rua – disse Dan, descontraidamente.

– Ninguém gosta de um chico-esperto, não te esqueças disso, Dan.

– Diz-me só para onde vou, foda-se. Estamos a chegar ao fim da rua. Em frente? Esquerda? Direita?

- Como raio queres que eu saiba?
- És tu que tens o mapa.
- Porque é que não temos um GPS?
- Dá cá isso.

Dan arrancou o livro das mãos de Skin.

- Tu nem sequer estás na merda da página certa.
- Quando estou a leste de Limehouse fico perdido.

Dan atirou o livro para o colo de Skin, continuou a conduzir, seguiu durante duzentos metros e virou à esquerda.

- Grange Road – disse Skin, como se não fosse quase um milagre. – Eu não estava assim tão perdido.
- Que número?
- A casa que tem o táxi à porta.
- Tu não trouxeste o número, pois não?
- Procura mas é a merda do táxi.
- O táxi vai estar na garagem – disse Dan. – Foi o que o Pike nos disse.

- Foda-se. Raios partam...

Skin começou a vasculhar os bolsos, tirou um pedaço de papel e disse o número. Era uma casa na ponta de um conjunto de casas em banda. Chegaram à entrada. Dan fez marcha atrás até à porta da garagem e apagou as luzes.

- Certo – disse Dan. – Vamos esperar alguns minutos.
- Põe isto – disse Skin, atirando-lhe um capuz enquanto tirava o boné do West Ham e o enfiava no porta-luvas. – Não te esqueças de pôr as aberturas para os olhos e para a boca no lugar certo.
- Obrigado pelas instruções.
- É segura nisto.

Dan baixou os olhos para um revólver com o cano grosso de um silenciador enroscado.

- Pensei que só íamos buscar a miúda – disse Dan.
- Foste tu que pediste ao Pike para trabalhar comigo – replicou Skin.
- Ele não disse nada sobre *armas*.
- Isto é o que eu faço.

- O quê?
- Trato das coisas.
- Nós não precisamos de *armas* para ir buscar a miúda. Como é que eu vou segurar numa seringa e num revólver?
- Vais arranjar uma maneira – disse Skin. – E leva também uma destas.
- Entregou uma ligadura a Dan.
- Meu Deus.
- E calça isto – continuou Skin, entregando-lhe um par de luvas de látex.
- Para que é tudo isto? – perguntou Dan, baloiçando a ligadura.
- Se tivermos algum problema com eles, as armas vão calá-los, fazê-los concentrar-se e, se tiver de ser, o Pike disse que não queria barulho nem confusão, por isso usamos estas, topas?
- Eles? – disse Dan. – Pensei que o Pike disse que íamos ter com o taxista. Ele entrega a miúda, eu ponho-a a dormir e vamo-nos embora. Damos-lhe cinco mil agora e os outros cinco vêm depois.
- Isso foi o que ele te disse a *ti* – declarou Skin, calçando as luvas.
- O que ele me disse a *mim* foi que nunca tinha trabalhado com o taxista antes e que temos de ir prevenidos para o caso de ele ter outras ideias.
- Outras ideias?
- Outros amigos que não nos queiram dar a miúda e prefiram esperar para receber mais dinheiro. O taxista tem conhecimentos... percebes o que quero dizer?
- Merda – disse Dan, vendo a situação a começar a descontrolar-se.
- Segura. Deixa-te de ser um maricas de merda.
- Dan guardou a ligadura no bolso e pôs o revólver dentro do blusão. Colocaram os capuzes, saíram da carrinha e contornaram a garagem até à porta das traseiras.

Três homens estavam sentados à volta de uma mesa: duas máscaras de terror de plástico com elástico, um cinzeiro cheio, uma garrafa térmica e dois copos de esferovite com café reles. O taxista não

admitia que se bebesse em serviço. As coisas corriam sempre mal, especialmente com uma bonita rapariga envolvida. Ele tinha apanhado o mais novo a olhar por baixo da saia dela e mandara o mais velho, que falava um pouco de inglês, explicar-lhe que não admitiria nada daquilo. Agora, olhava-os em silêncio. Eles eram ilegais, estes dois. Duros, entroncados, filhos da mãe do Cudejudas-istão. Tinham cabeças redondas rapadas, cheias de cicatrizes e mossas, provavelmente de algum jogo perigoso com cavalos que tinham jogado nas estepes ou, mais provavelmente, devido a violência prisional. O mais novo parecia inconcussável – uma palavra que ele tinha inventado para os pacóvios que vinham parar à sua porta.

– Muito tempo? – perguntou o que falava um pouco de inglês, com a frente da camisola cheia de estuque estalado.

O taxista não respondeu. Olhou para o relógio e para a janela com cortinas. Sim, era tarde.

O mais novo acotovelou o colega. O mais velho inclinou-se para a frente e esfregou o polegar e o indicador diante da cara do taxista. O taxista lambeu os lábios com uma língua branca, que não os escureceu, e esticou o dedo do meio. O gesto confundiu-os e eles comunicaram numa gíria incompreensível durante um minuto. O taxista recostou-se na cadeira, agora certo de que o dedo esticado, sem as «bolas», era o mesmo nas duas línguas completamente diferentes. Baixou e levantou as mãos voltadas para baixo como se estivesse a parar o som de dois timbales.

– Eles devem estar mesmo a chegar e vocês vão receber aquilo a que têm direito – disse ele, a sorrir com dentes cinzentos todos cruzados em baixo. – Mais pilim do que vocês viram desde os casamentos das vossas irmãs.

As palavras caíram nas suas cabeças cheias de entalhes e mossas como os cacos de um mealheiro partido. Eles vasculharam os fragmentos à procura de objetos de valor e não encontraram nada. Falaram durante muito tempo. O taxista olhou de um para o outro com uma expressão de alegria experiente. Ao longo das últimas duas décadas em Londres, ele tinha aprendido a adorar ouvir estrangeiros e ficava fascinado com a forma como cada raça pronunciava as

palavras. Os árabes arrancavam-nas do fundo da garganta como se estivessem a engasgar-se com elas. Os indianos murmuravam como se estivessem a falar galês debaixo de água. Os chineses assobiavam, faziam estalidos e chiavam como fogo de artifício interior. Aqueles dois pareciam cabras a dar peidos num campo.

– Dinheiro – disse o mais velho, estendendo uma mão a pedir o pagamento.

Uma carrinha parou lá fora. Passados alguns minutos duas portas abriram-se e fecharam-se, ouviram-se passos na parte lateral da casa. O taxista levantou-se e empurrou a porta atrás de si, mas ela abriu-se, deixando ver as costas dos dois ilegais da cozinha, onde ele destrancou a porta das traseiras.

– Tudo bem? – perguntou Skin, com o rosto agora encapuzado, apenas com buracos para os olhos e boca.

– Vocês demoraram – disse o taxista, reparando nas luvas de látex branco.

– Algum problema? – perguntou Skin.

– Com quem?

– Com quem é que achas? – perguntou Skin, a espreitar para o corredor, a ver os ilegais. – E quem raio são *eles*?

– A ajuda para quando vocês se atrasam.

– O Pike não disse nada sobre... ajuda.

– Eu sei que não disse, mas eu não conseguia carregá-la sozinho e ela passou-se quando acordou.

– Onde é que ela está? – perguntou Skin.

– No quarto das traseiras.

– *Como* é que ela está? – perguntou Dan.

– Há quinze minutos que não vou ver – respondeu o taxista. – Ela estava a dormir.

– Usaste clorofórmio?

– Teve de ser. Ela passou-se completamente. Deve ser claustrofóbica ou coisa do género.

Dan não parava de espreitar para o corredor, para os dois ilegais que estavam a conversar.

– Vou ter de ligar ao Pike – disse Skin.

– Raios partam – disse Dan baixinho.

Skin puxou Dan para a rua com ele, fez a ligação e teve uma conversa em voz baixa, com Dan à espera, com ar de quem precisava de ir à casa de banho com urgência. Skin desligou e passou um dedo pelo pescoço. Dan sentiu as entranhas a tremer e articulou em silêncio: «Foda-se.»

Tiraram os revólveres com silenciador do interior dos casacos pretos e voltaram para dentro de casa, a segurá-los ao lado do corpo.

– Que merda é esta? – exclamou o taxista, vendo-os imediatamente.

– Acorda a rapariga. Prepara-a – disse Skin, agarrando no braço do homem e empurrando-o pelo corredor.

– Preparo-a para quê?

– Para ir. Que é que te parece?

– Que é que vocês vão fazer com as armas? – perguntou ele.

– Tu não seguiste a merda das instruções – disse Skin, lábios vermelhos por baixo do buraco do pano preto. – Agora, nós temos as nossas ordens. Acorda a miúda.

– Foda-se para esta merda – disse o taxista.

– Faz o que te mando – ordenou Skin, e empurrou o taxista para a porta do quarto.

Os ilegais voltaram-se e levantaram-se quando Skin e Dan entraram, mas de repente as suas expectativas reduziram-se a um pequeno buraco preto num cano grosso, que continuou a avançar até ser todo o universo que os seus olhos abarcavam. Mãos com látex branco agarraram-nos pelos colarinhos e puxaram-nos para longe das cadeiras. Eles pontapearam os ilegais obrigando-os a ajoelharem-se, amolgando o chão de linóleo ondulante, com os canos grossos encostados com força na penugem das cabeças rapadas. Os ilegais olharam para cima, olhos desesperados, lábios exangues sobre os dentes, a respirar depressa quando perceberam qual era o seu verdadeiro valor no sistema que os tinha trazido para a boca negra e brilhante da insaciável metrópole. Skin e Dan tiraram as ligaduras dos bolsos, prenderam os revólveres atrás dos casacos e enrolaram as tiras de tecido à volta das cabeças rapadas dos homens ajoelhados à sua frente,

apertando-as em torno do pescoço. O taxista fechou a porta do quarto atrás de si.

Alyshia continuava a dormir. O barulho na divisão ao lado despertou-a. O medo renasceu nela logo que viu o taxista. A esclerótica dos olhos tremeu nas extremidades quando ela olhou para a porta. O ruído animal de uma luta terrível passou através dela. Sobressaltou-se quando alguma coisa caiu com um baque contra o outro lado. O taxista agarrou na cabeça com as duas mãos e olhou para o teto.

– Que é que se passa? – perguntou ela num tom de voz quase inaudível.

O taxista não respondeu. Através dos gemidos e arquejos de esforço ouviu-se o ruído de calcanhares a arranhar o linóleo. Depois um silêncio rígido e sufocado, seguido de um colapso. O taxista deixou cair as mãos ao lado do corpo e abanou a cabeça. Encostada à parede, Alyshia olhou para a porta sem pestanejar. Nenhum som.

– Muito bem – disse o taxista, incapaz de esperar mais. – Vamos tirar-te daqui.

Abriu a porta. Um fedor terrível infiltrou-se no quarto.

– Ainda não, seu imbecil de merda – berrou Skin.

Alyshia viu os homens encapuzados e olhou para os rostos inchados dos ilegais mortos, com as suas novas máscaras de terror. Vomitou. O taxista enfiou-a novamente no quarto.

– Limpa-a – ordenou Skin. – Tens alguma coisa para enrolarmos estes dois?

– Na garagem – disse o taxista. – Há algumas lonas.

Dan saiu da sala e cambaleou para a garagem, aturdido com o que acabara de fazer. Voltou com as lonas. Enrolaram os ilegais nelas, prenderam-nas nas duas extremidades, a tossir devido ao fedor que inundara a sala. Levaram-nos para a garagem. Dan saiu pelas traseiras e percorreu a parte lateral da casa para verificar a rua. Vazia. Bateu na garagem e abriu a porta traseira da carrinha. Puseram os corpos na parte de trás, fecharam as portas, foram buscar a rapariga.

O taxista tinha aberto a janela da sala e o fedor começava a desaparecer, mas lentamente, devido à espessura das cortinas.

– Não devíamos ter feito nada daquilo – disse Skin. – Tu não prestas atenção à merda das instruções.

– Sim, bem, eu não sabia que isso fazia parte do jogo, certo? – retorquiu o taxista. – Têm o meu dinheiro?

Skin estendeu-lhe um envelope volumoso. Foram para o quarto. A saia e a blusa de Alyshia estavam no chão, cobertas de vomitado, com uma mancha castanha de *collants* por cima. Ela levantou os olhos da cama, em cuecas e sutiã, e o medo que sentia foi palpável.

– Tens o código do alarme do apartamento dela? – perguntou Dan.

O taxista abanou a cabeça, a contar o dinheiro. Skin e Dan olharam para Alyshia. Ela deu-lhes o código. Skin fez um telefonema, transmitiu o número e desligou.

– Vai buscar um saco de plástico para as coisas dela – disse Dan.

O taxista foi à cozinha e voltou com um saco onde guardou as roupas que Alyshia tinha despido. Dan tirou uma pequena caixa preta do bolso e retirou uma seringa tapada cheia de um líquido claro. Alyshia encostou-se à parede e choramingou quando ele tirou o ar do êmbolo e retirou a tampa.

– Já fizeste isto antes? – perguntou o taxista, a olhar por cima do ombro de Dan.

– É a primeira vez – respondeu Dan, a revirar os olhos.

– Eu fico quieta – disse Alyshia. – Mas não...

– Isto vai deixar-te boazinha e relaxada – disse Dan, e depois para o taxista, que o olhava intensamente: – Apetece-te uma vodca com martini?

– Quem é que vai limpar esta merda?

– Não devia haver merda nenhuma para limpar – replicou Skin, com o rosto encapuzado perto do do taxista – se tu tivesses feito o que te mandaram.

